

P A P É I S A V U L S O S

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — SÃO PAULO — BRASIL

OCORRÊNCIA DE *IODOPLEURA P. PIPRA* NO
ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL, E ALGUMAS
NOTAS SÔBRE *IODOPLEURA ISABELLAE*
(AVES, COTINGIDAE)

HÉLIO F. DE ALMEIDA CAMARGO

EURICO A. DE CAMARGO

O gênero *Iodopleura* Lesson, 1839, exclusivamente sul-americano, conta, de acôrdo com Hellmayr (1929) e Gyldenstolpe (1951), com 3 espécies: *Iodopleura pipra*, com duas subespécies, *I. p. pipra* (Lesson, 1831) e *I. p. leucopygia* Salvin, 1885; *I. fusca* (Vieillot, 1817); *I. isabellae*, com duas subespécies, *I. i. isabellae* Parzudaki, 1847 e *I. i. paraensis* Todd, 1950. Moojen (*in* Descourtilz, 1944) prefere considerar *isabellae* como raça de *pipra*.

Ao lado de *Calyptura cristata* (Vieillot, 1818), são os menores representantes da família *Cotingidae*. Entre outros elementos, caracteriza-se *Iodopleura* pela presença, nos ♂♂, de um pequeno tufo de penas violeta, localizado em determinado ponto dos lados do peito, e que deve exercer importante função, não só no reconhecimento do ♂ pela ♀, durante as aproximações pré-cópula, como também ao funcionar como elemento de advertência aos outros ♂♂ da mesma espécie, de domínio de território. João Teodoro Descourtilz (1944), estudando *I. p. pipra* anota: "O anambé macho, quando logramos segurá-lo vivo, faz levantar em tufos divergentes as plumas, côr da flôr do pessegueiro, que em seus flancos repousam, quando a ave está calma,

e se acham meio resguardadas, pelo matizado cinza que lhe recobre o peito". Olalla (1943) sugere para os gêneros *Iodopleura* e *Calyptura* uma nova família, Iodopleuridae; contudo, não fundamenta sua opinião. No que diz respeito a *Iodopleura*, pelo menos *I. p. pipra* (vide est. 24, fig. 66, in Descourtilz, 1944) — como se verá linhas adiante — exhibe aquela quietude absoluta quando pousado nos ramos, uma das peculiaridades comuns aos representantes dos Cotingidae, como informa Olalla, e que no campo distingue os membros dessa família dos outros pássaros com os quais convivem.

CHAVE PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES DE *IODOPLEURA*
LESSON, 1839. CORES SEGUNDO RIDGWAY, 1912

1. Garganta e coberteiras inferiores da cauda "fawn colored". Tamanho menor: asa até 64, cauda até 37 mm. Guiana Inglesa. Brasil: do Espírito Santo ao sul de São Paulo *pipra*
- 1'. Ausência daquele colorido na garganta e coberteiras inferiores da cauda. Tamanho maior: asa desde 73, cauda desde 38 mm 2
2. Partes superiores mais escuras ("blackish slate"); sem manchas brancas nos lóros, bochechas e região post-ocular. Guianas *fusca*
- 2'. Partes superiores mais claras ("fuscous" ou "fuscous black"); manchas brancas nos lóros, bochechas e região post-ocular. Regiões amazônicas do Brasil, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e Bolívia *isabellae*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

I. p. pipra, já bem descrita por Burmeister (1856), Sclater (1888), Ihering (1898) e Vieira (1935), entre outros, foi noticiada, até agora, no Brasil, dos seguintes Estados:

ESPÍRITO SANTO

Um ♂ de Braço do Sul, "...a 500 metros acima do nível do mar e a um dia de viagem, para o interior, de Vitória, a 20° de latitude sul, mais ou menos", exemplar enviado ao Museu de Munich, na Alemanha, por Ferdinando Müller (Hellmayr, 1915). Moreira Pinto (1894) informa que Braço do Sul é rio do Estado do Espírito Santo,

nasce na serra do Perocão e desagua no rio Jucú pela margem direita, cerca de oito km acima de Viana.

Um ♂, n.º 26.330, colecionado por Helmut Sick, em 12.XI.1940, em Limoeiro - Jatiboca (Município de Itaguassú), a 900 metros de altitude (Sick, 1960, mapa à pg. 152) e depositado nas coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro. O biótopo, provavelmente, é aquele descrito por Sick (1962) à página 18, letra "a", isto é, capoeira, capoeirão e restos da mata virgem.

Ruschi (1953) apenas registra *I. p. pipra* do Espírito Santo, sem mencionar a localidade.

MINAS GERAIS

Burmeister (1856) menciona que seu filho coletou êsse pássaro nas capoeiras ("gebüschen"), em Lagoa Santa, pequeno povoado mineiro, próximo à margem esquerda do rio das Velhas. Tal ocorrência, primeiro admitida por Ihering (1898), Ihering & Ihering (1907) e Hellmayr (1915), foi depois posta em dúvida por êste último autor (1929, nota 2), e por Pinto (1944, nota 2), que o não menciona na sua "Súmula Histórica e Sistemática da Ornitologia de Minas Gerais" (1952). Vieira (1935) não o registra de Minas Gerais. Contudo, os argumentos invocados por Hellmayr (1929), duvidando da notificação de Burmeister, que esteve em Lagoa Santa, de 13 de maio a 30 de julho de 1851 (Burmeister, 1853), não nos convencem.

RIO DE JANEIRO

Uma ♀ de Cantagalo, colecionada por Carlos Euler (Cabanis, 1874), atualmente no Museu de Berlim (Ihering, 1900).

Um ♂ adulto de Nova Friburgo, distante de Cantagalo mais ou menos 50 quilometros, colecionado por Youds (Sclater, 1888) e na coleção do Museu Britânico.

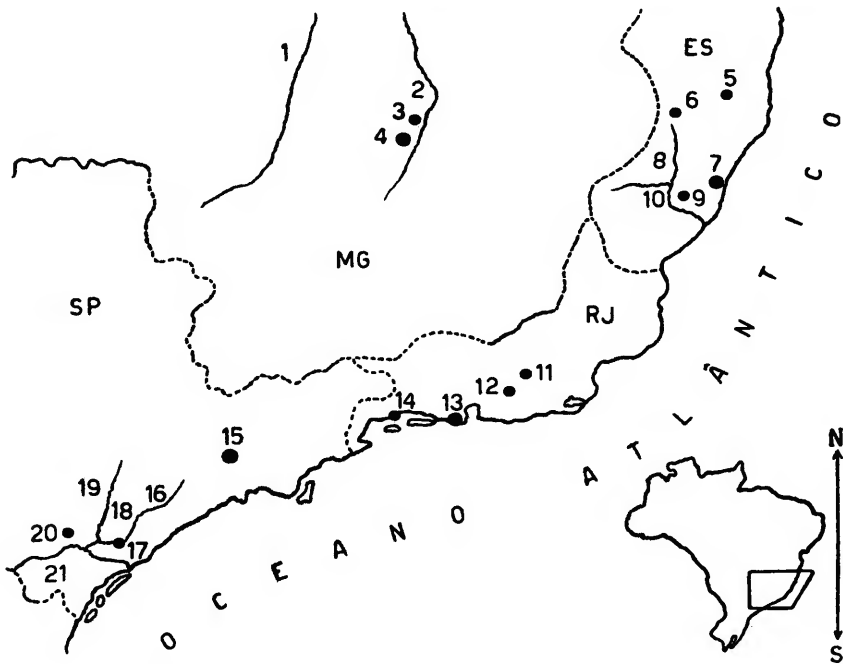
Hellmayr (1915) cita varios exemplares coletados "na região do Rio de Janeiro", por Peixoto (provavelmente Pedro Pinto Peixoto Velho) e que se acham depositados no Museu de Paris.

Segundo se lê em Gyldenstolpe (1927), posteriormente ao trabalho de Sclater (1888), as coleções do Museu Britânico receberam mais 4 exemplares de *I. p. pipra*, procedentes do Rio de Janeiro.

No Museu Nacional do Rio de Janeiro, um de nós (HFAC) examinou o ♂ adulto n.º 21.134, colecionado por H. Berla na Fazenda da Pedra Branca, município de Parati (Berla, 1944). Berla caçou em 3 biótopos: capoeirões, capoeiras e descampado. *I. p. pipra* está arrolada, no seu trabalho, entre as aves colecionadas nas “capoeiras” e “descampados”. Aquelas e estes, Berla os define às fls. 1 e 2, dando também boa fotografia dessas comunidades vegetais (fig. 3). Muito provavelmente o pássaro foi coletado em “capoeiras”, à semelhança do registrado por Burmeister (1856) em Lagoa Santa.

SÃO PAULO

A ocorrência de *I. p. pipra* no Estado de São Paulo foi primeiramente noticiada por Hartert (1892). Segundo êle (Hellmayr, 1915)



Localidades de coleta de *Iodopleura p. pipra* — MG, Minas Gerais. ES, Espírito Santo. RJ, Rio de Janeiro. SP, S. Paulo — 1, Rio São Francisco. 2, Rio das Velhas. 3, Lagoa Santa. 4, Belo Horizonte. 5, Santa Tereza. 6, Limoeiro-Jatiboca. 7, Vitoria. 8, Rio Jucu. 9, Viana. 10, Rio Braço do Sul. 11, Cantagalo. 12, Nova Friburgo. 13, Rio de Janeiro. 14, Parati. 15, S. Paulo. 16, Rio Juquiá. 17, Juquiá. 18, Ribeirão Fundo. 19, Serra da Boa Vista. 20, Sete Barras. 21, Rio Ribeira de Iguape

há, no Museu de Frankfurt, Alemanha, dois exemplares com a procedência "St. Paulo". Baseado em Hartert, Ihering & Ihering (1907) alinharam São Paulo, ao lado do Rio de Janeiro e Minas Gerais, na área de distribuição geográfica de *I. p. pipra*. Em 1929, Hellmayr, catalogando os cotíngidas do Field Museum of Natural History, anota que "...its occurrence in São Paulo is still to be confirmed...". Para Pinto (1944, nota 2) a ocorrência de *I. p. pipra* no Estado de São Paulo é muito provável, ainda hoje, "...nas grandes matas da serra, ao norte extremo do Estado (Bananal)".

Graças à gentileza do naturalista colecionador Afonso M. Olalla, podemos afirmar que, de fato, *I. p. pipra* ocorre no Estado de São Paulo. Em fins de março de 1962, Olalla doou ao Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura 1 ♂ (n.º 43.666) e 1 ♀ (n.º 43.667) adultos de *I. p. pipra*, por êle colecionados, respectivamente, em 29 de julho e 15 de setembro de 1961, no sul do Estado, na localidade chamada Ribeirão Fundo, situada na margem direita do Ribeirão Fundo, que, nascendo nos contrafortes da Serra de Paranapiacaba, desemboca na margem direita do rio Juquiá. Segundo ainda informações escritas de Olalla, fornecidas a nosso pedido, a localidade Ribeirão Fundo está a 16 quilômetros, mais ou menos, ao norte do lugarejo denominado Primeiro Morro, que fica ao noroeste da cidade de Juquiá, na estrada de rodagem que liga esta cidade à de Sete Barras. Acrescenta Olalla que a primeira vez que êle viu um exemplar de *I. p. pipra*, no litoral paulista, por onde tem colecionado desde 1944, foi em agosto de 1960, em Bela Vista, povoado situado na margem esquerda das cabeceiras do rio Ipiranga, também afluente da margem direita do rio Juquiá, pouco a oeste de Ribeirão Fundo.

VARIAÇÃO DO COLORIDO

A pátria típica de *I. p. pipra* foi designada como "Rio de Janeiro" (Hellmayr, 1915). Examinando o tipo de *Euphone aurora* Sundevall, 1834 (= *Iodopleura pipra* (Lesson, 1831)), depositado nas coleções do Museu de Estocolmo, o Conde Gyldenstolpe (1927) conclue que "...its difference or not from *I. pipra* Less. must be left open for further researches". Hellmayr (1929) colocou *Euphone aurora* na sinonímia de *I. p. pipra*, procedimento que, a nosso ver, está correto, pois a larga faixa branca do uropígio (de 5 a 6 mm de largura, como diz Hellmayr, 1929), característica de *I. pipra leucopygia* Salvin, 1885, (vide estampa XXVI em Selater, 1888) caso estivesse presente no tipo

de *Euphonia aurora*, não passaria despercebida a Gyldenstolpe. Nossos dois exemplares têm o dorso cinzento escuro; no de n.º 43.666 o vértice é mais escuro que o dorso e tem ligeiro brilho azulado, enquanto que no de n.º 43.667, o contraste entre o colorido do vértice, enegrecido e sem aquêlê brilho, e o colorido do dorso, é menor que no de n.º 43.666, indicando possivelmente dimorfismo sexual. No de n.º 43.666 nota-se, com dificuldade, um esboço da faixa mais clara do uropígio, ausente no de n.º 43.667. Quanto aos dois exemplares do Museu Nacional, já mencionados, o de n.º 23.330 tem o dorso cinzento mais escuro que o do n.º 21.334; o vértice, também, com um brilho anegrado, é mais escuro que neste. No de n.º 21.334 o meio das penas do vértice tem pequenas manchas escuras. Nas partes inferiores, o colorido da garganta do exemplar n.º 21.334, além de ser mais claro que no de n.º 26.330, ocupa também menor extensão que neste. As faixas escuras do peito e dos flancos são mais largas e contrastam melhor, em colorido, com o branco das penas, no de n.º 26.330, e são menos largas e menos destacadas (mais claras) no de n.º 21.334, tudo levando a crer que o exemplar n.º 21.334 ainda não está com a sua plumagem definitiva. Nesses dois exemplares não se vê o menor vestígio da faixa clara do uropígio, perceptível apenas no exemplar n.º 6.251 do Museu Nacional, sem procedência.

COMPORTAMENTO E ALIMENTAÇÃO

Iodopleura p. pipra é passaro que foi encontrado, até hoje, em altitudes que variam de 30 (Ribeirão Fundo) até 900 metros (Limoeiro-Jatiboca). O seu biótopo preferido parece serem as “capoeiras” e “capoeirões” do Espírito Santo até São Paulo, bem como o “ecotone” entre essas formações e a mata primitiva. Hellmayr (1915) cita a região de Braço do Sul, no Espírito Santo, como “muito florestada” e Olalla, em informações escritas que nos prestou, sobre a vegetação de Ribeirão Fundo, descreve-a como “...coberta de mata primitiva, exceção de alguns trechos, porem muito pequenos, onde se pode ver matas secundárias nas encostas dos morros. A flora compõe-se de uma infinidade de espécies vegetais, tanto arbustivas, como verdadeiras árvores que, contudo, não ultrapassam 50 metros de altura. A espécie predominante neste mundo vegetal é o palmito (*Euterpe edulis*), que aos grupos medra abundantemente, e de cuja ponta se extrae o pal-

mito comestível. O mato é geralmente fechado, cheio de tranqueiras e, por isso, difícil de transitar, a não ser que haja uma picada”.

Os dois pássaros abatidos por Olalla achavam-se pousados, quietos, em ramos de árvores visinhas, de uns 8 metros de altura, completamente despidas de folhas e situadas no “ecotone” da mata primitiva. H. Berla, em comunicação pessoal, contou-nos que abateu o ♂ n.º 21.334 quando êste estava pousado em um ramo sêco de laranja. Descrevendo o comportamento de *I. p. pipra*, Descourtilz (1944) diz que “para pousar escolhe o referido passarinho um ramo sêco, principalmente o das mimosas gigantes, de folhagem finamente recortada”.

Vieira (1935) escreve que a alimentação principal dos cotíngidas consiste em frutos, porém muitas espécies não desprezam insetos. Descourtilz (1944) cita que *I. p. pipra* não persegue insetos. A alimentação preferida de *I. p. pipra* parece serem os frutinhas da “herva de passarinho”, denominação vulgar das espécies parasitas da família *Loranthaceae* (Descourtilz, 1944 e Berla, 1944). Entre êsses gêneros Moojen (*in* Descourtilz, *op. cit.*) menciona talvez *Phoradendron*. Nos estômagos dos dois exemplares doados por Olalla, encontramos varias sementezinhas, identificadas por Moisés Kuhlmann, do Instituto de Botânica da Secretaria da Agricultura de São Paulo, como da espécie de “erva de passarinho” *Struthantus concinnus* Mart. (*Loranthaceae*).

IODOPLEURA ISABELLAE

Todd (1950) descreveu *Iodopleura isabellae paraensis*, do baixo Amazonas; o tipo, um macho adulto, depositado no Carnegie Museum, procede de Benevides, localidade situada a leste da cidade de Belém, não longe da capital do Estado do Pará. Não conhecendo exemplares da raça típica, não nos podemos pronunciar sôbre a nova raça geográfica, motivo pelo qual ainda adotamos a nomenclatura binominal.

Os exemplares de *isabellae paraensis* que examinamos apresentam a seguinte amplitude de variação: machos (10 adultos e 1 jovem), asa 74 a 82 mm, cauda 39 a 46, culmen, das penas mais anteriores à extremidade da premaxila, 5 a 8; fêmeas (2 adultas), asa 75 e 79, cauda 40 e 41, bico 6 e 7 mm.

Nas suas valiosas notas, Olalla fornece-nos, também, algumas observações sôbre a espécie amazônica *Iodopleura isabellae*. São elas:

“Tenho em meus cadernos de viagem anotado observações sobre a espécie amazonica *Iodopleura isabellae*, que, como a do Sul, vive aos casaes, formando pequenos bandos até de dois casaes. Não frequentam copas de arvores altas; pelo contrario, sempre as caeei em arbustos que não ultrapassavam uns 6 metros. Comem frutas muito pequenas, de sabor acridoce, e frequentam a arvore frutifera varias vezes durante o dia. Alimentam-se e depois vão pousar em um ramo da arvore vizinha à fruteira, para dali, num vôo ondulado, retornar a esta. Permanecem na área onde se situa a fonte de alimento, até acabarem os frutos. É um pássaro que não se mistura, em qualquer hipótese, com nem uma outra espécie, mostrando-se, por isso mesmo, de uma indiferença digna de nota em face de qualquer acontecimento que suceda em seu derredor. Certa ocasião, no alto rio Ucayale, na Amazonia Peruana, caeei um casal num arbusto, com mais ou menos 4 metros de altura, carregado de umas frutinhas vermelhas, bem miudinhas, e situado na beira de um campo artificial”.

Damos, em seguida, algumas observações sôbre alimentação e biótopo de *I. isabellae*, anotadas pelos colecionadores no verso dos rotulos dos exemplares pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia:

Três ♂♂ e 1 ♀ de Gorotire, rio Fresco, afluente do Xingu, Pará, Hidasi. Coletados em floresta de galeria; conteúdo estomacal, “frutas”.

Três ♂♂ da Mata de Utinga, Belem, Pará. Dois abatidos em capoeira por Carlos Estevão, um na mata, por F. Lima.

Um ♂ jovem de Murutucu, Pará, Lima, abatido em “capoeirão”, contendo “bagas”. Um ♂ adulto da mesma localidade, coletado na mata, com “insetos” no estomago.

Uma ♀ do alto rio Cururu, afluente do Tapajós, Pará, Hidasi, em mata, conteúdo “frutas”.

Como é bem conhecido e, aliás, anota Pinto (1953) ao estudar a coleção Carlos Estevão, as “capoeiras” são constituídas pela vegetação arbórea que sucede, imediatamente, à mata primitiva derrubada, faltando arvores de grande porte e dominando arbustos espinhosos e cipoais. Com o passar dos anos, as “capoeiras” perdem aque-

les característicos e, ostentando árvores maiores, transformam-se nos “capoeirões”. Novaes (1958) também dá uma boa caracterização desses biótopos no alto rio Juruá.

ABSTRACT

The authors comment on the distribution and characters of the Brazilian forms of *Iodopleura*. Occurrence of *I. p. pipra* in the State of São Paulo is definitely established with basis on two specimens, ♂ and ♀, from the southern coastal range.

Food habits and habitat preferences of *I. p. pipra* and *I. isabellae* are discussed.

Tabela de medidas, em mm, dos exemplares examinados de *Iodopleura p. pipra*.

			Asa	Cauda	Culmen
MNRJ	26.330, Limoeiro — Jatiboca, ES	♂	58	28	7
MNRJ	21.134, Pedra Branca, Paratí, RJ	♂	60	35	7
DZSP	43.666, Ribeirão Fundo, SP	♂	64	37	6
DZSP	43.667, Idem	♀	59	33	5

REFERÊNCIAS

- BERLA, H. F., 1944: Lista das aves colecionadas em Pedra Branca, município de Paratí, Estado do Rio de Janeiro, com algumas notas sobre sua biologia. *Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Zoologia, nova série* 18: 1-21.
- BURMEISTER, H., 1853: *Reise nach Brasilien, durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraes*. VII + 608 pp., 1 mapa, Georg Reiner ed., Berlin.
- , 1856: *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, vol. III: xiv + 466 pp., Georg Reiner ed., Berlin.

- CABANIS, J., 1874: Uebersicht der von Herrn Carl Euler im District Cantagallo, Provinz Rio de Janeiro, gesammelten. Vögel. *J. f. Ornith.* 1874: 81-90.
- DESCOURTILZ, J. T., 1944: *Ornitologia Brasileira ou Historia Natural das Aves do Brasil. Vol. 1*: 18-228, primeira edição portuguesa, traduzida por Eurico Santos e anotada por João Moojen, Livr. Kosmos ed.; *vol II*: com 48 estampas e 164 figs. coloridas.
- GYLDENSTOLPE, N., 1927: Types of birds in the Royal Natural History Museum in Stockholm. *Ark. Zool.* 19-A: 1-116.
- , 1951: The ornithology of the Rio Purús region in Western Brazil. *Ibidem* 2: 1-320, 1 mapa.
- HELLMAYR, C. E., 1915: Ein kleiner Beitrag zur Ornithologie des Staates Espírito Santo, Südost brasilien. *Verh. Ornithol. Ges. Bayern* 12: 126-159.
- , 1929: Catalogue of Birds of the Americas. *Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser. 13 (6)*: v + 258.
- IHERING, H., 1898: As aves do Estado de São Paulo. *Rev. Mus. Paulista* 3: 113-476.
- , 1900: Aves observadas em Cantagalo e Nova Friburgo. *Ibidem* 4: 149-164.
- IHERING, H. v. & R. v. IHERING, 1907: *Catalogos da Fauna Brasileira. Vol. 1, As aves do Brasil*: xxxviii + 483 pp. e 1 mapa. Museu Paulista, S. Paulo.
- MOREIRA PINTO, A., 1894: *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil, vol. 1*: 1-741 pp., Imprensa Nacional ed. Rio de Janeiro.
- NOVAES, F. C., 1958: As aves e as comunidades bióticas no alto rio Juruá, território do Acre. *Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi, nova série, Zoologia* 14: 1-13.
- OLALLA, A. M., 1943: Algumas observações sobre a biologia das aves e mamíferos sul-americanos. *Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo* 3: 229-236.
- PINTO, O. M. O., 1944: *Catálogo das Aves do Brasil, 2.a parte*: xi + 700 pp., várias estampas, Dep. Zool. Secr. Agric. ed. São Paulo.
- , 1952: Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais. *Arq. Zool. São Paulo* 8: 1-51.
- , 1953: Sobre a coleção Carlos Estevão de peles, ninhos e ovos das aves de Belém (Pará). *Papeis Avulsos Dep. Zool. São Paulo* 11: 113-224, figs.

- RIDGWAY, R., 1912: *Color standards and color nomenclature*: iii + 43 pp., 53 pl., Washington.
- RUSCHI, A., 1953: Lista das aves do Estado do Espírito Santo. *Bol. Mus. Biol. Mello-Leitão, Zoologia 11*: 1-21.
- SCLATER, P. L., 1888: *Catalogue of the birds in the British Museum, vol. XIV*: xix + 494 pp., e 26 estampas. London.
- SICK, H., 1960: Zur Systematik und Biologie der Bürzelstelzer (Rhinocryptidae), speziell Brasiliens. *J. f. Ornithol. 101*: 141-174, pls. 1-4.
- , 1962: Reivindicação do papa-capim *Sporophila ardesiaca* (Dubois). Sua ocorrência no Brasil (Fringillidae - Aves). *Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Zoologia, nova série, 235*: 1-23, pls. 1-5.
- TODD, W. E. C., 1950: Critical notes on the Cotingas. *Proc. Biol. Soc. Washington 63*: 5-7.
- VIEIRA, C. C., 1935: Os Cotingideos do Brasil. *Rev. Mus. Paulista 19*: 327-397.

